

ENTRE ABORDAGENS E PERSPECTIVAS: APRESENTANDO O DOSSIÊ “HISTÓRIA CULTURAL”

Prof. Dr. Bruno Gonçalves Alvaro¹

A História Cultural é uma realidade. Este tipo de abordagem histórica tem inúmeros adeptos no Brasil e no mundo. E, apesar de não haver uma total concordância sobre o que a constitui e muito menos ainda sobre o enunciado “cultura”, como afirma Peter Burke (2000, p. 13), ela é uma realidade. Para Chartier, outro nome que figura constantemente em trabalhos monográficos, dissertações e teses, a História Cultural teria por objeto “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (2002, p. 16 e 17).

Uma vez que o ser humano é fundamentalmente um ser de cultura, como declarou Cuche (1999, p. 9), a História Cultural, munida de diversos caminhos analíticos, teorias e ferramentas metodológicas, sem prender-se a temporalidades específicas, vem se propondo a tentar atender as demandas contemporâneas. Ela também, sem deixar, é claro, o passado de lado – em nossa opinião, ainda um dos principais objetos de interesse dos historiadores – tenta problematizar como e porque esse passado constrói, deságua ou mesmo contribui na (de)formação das múltiplas identidades vigentes na atualidade que constroem-se e desconstroem-se, alicerçam-se e desfazem-se em meio às sociedades em constantes mutações.

Esta edição da revista *Veredas da História*, por meio do seu dossiê “História Cultural”, tem por objetivo apresentar diversas abordagens de estudos de variadas regiões brasileiras e, também, esboçar o que se tem pesquisado no âmbito deste campo da História.

¹Professor do Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal de Sergipe e membro do Vivarium Núcleo Nordeste Laboratório de Estudos da Antiguidade e do Medievo (UFS).

O artigo “*Cada palavra guarda uma cilada*”: *literatura, contracultura e juventude no Piauí na década de 1970*, de Terezinha de Jesus Mesquita Queiroz e Laura Lene Lima Brandão, ao utilizar as produções artísticas da denominada “Geração do Mimeógrafo” no âmbito da Literatura, do Cinema e mesmo da chamada “Imprensa marginal”, analisam as manifestações contraculturais na década de 1970, no Piauí. Suas reflexões fundamentam-se na tentativa de compreender “as transgressões cotidianas e anti-disciplinares de jovens descontentes com os limites impostos pela ditadura militar e pela vigilância social” no supracitado momento ditatorial.

Já William Gaia Farias e Mábia Aline Freitas Sales, em *Da civilização aos trópicos (1840-1870)*, tomando como referência as relações comerciais, ancoradas na importação de produtos da Europa, especificamente, Portugal, Inglaterra e França, e, ainda, dos Estados Unidos, para a província do Pará, propõem uma apresentação dos significados simbólicos de tais produtos. Desta forma, rompendo e relativizando a dicotomia simbolismo *versus* materialidade históricas, os autores estudam como tais produtos influenciam na construção cultural, trazendo em si, ao adentrarem a respectiva província, as ideias de civilização e modernidade. Mas, ao mesmo tempo, observam que, apesar de tal discurso ser inerente do império brasileiro, sua receptividade só encontra um eco mais forte no Pará no período posterior a 1840.

Guilherme G. Felipe, munido de um *corpus* documental jesuítico, analisa a guerra como um objeto etnográfico, procurando compreender por meio dela as relações entre os índios platinos e o mundo colonial. Assim, em seu artigo “*Intensificação cultural*”: *a persistência da guerra sul-ameríndia no século XVIII*, é possível verificar uma tentativa de entender a realidade social nativa por meio de um novo prisma analítico.

O artigo, intitulado *Narrativas de fobos e prognósticos do porvir: escrituras de uma história do medo das secas no nordeste e na comunidade Retiro, Barra de Santana, PB*, dos autores João Paulo Karol Guerra Araújo e Janduy Guerra Araújo, procura investigar as representações do medo das secas no Nordeste e na comunidade rural Retiro, localizada no município de Barra de Santana, Paraíba. Além de mapear alguns discursos sobre assunto em escritos do século XX, incluindo os literários, o texto analisa as representações do medo da (des)ordem das secas na comunidade Retiro, demonstrando as (des)articulações entre os

saberes considerados científicos ou não, os quais foram (re)apropriados pelos moradores sobre as previsões meteorológicas. Os autores verificam, por fim, que, nos escritos investigados, os prognósticos do porvir estão inscritos em uma história das sensibilidades e do medo de condições climáticas adversas, especialmente às secas.

Finalmente, no artigo *Para ler clássicos: interpretando idéias, universos intelectuais, obras de pensamento, falas de teóricos, conceitos e textos*, Ana L. O. D. Ferreira, perscrutando o pensamento de autores como Lovejoy, Skinner, Kosellek, LaCapra, entre outros, analisa as variadas possibilidades interpretativas do campo da História da produção intelectual.

Com mais este número da *Veredas da História*, esperamos contribuir um pouco mais para o debate tão necessário a respeito dos limites e possibilidades da História Cultural no Brasil e, de algum modo, apresentar o que se tem produzido no país.

BIBLIOGRAFIA:

- BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 2000.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.